



**COPRECIS**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
PRÁTICAS EDUCATIVAS

## **ESCOLA EXPERIMENTAL DE CINEMA NA COMUNIDADE DE GURUGI – IPIRANGA: OLHAR DO PROFESSOR**

Jaquicilene Ferreira da Silva Alves<sup>1</sup>

Prefeitura Municipal de Conde – Secretaria de Educação, Cultura e Esporte - jaquicilene@gmail.com

Resumo do artigo: O artigo relata a minha experiência como professora da rede municipal a partir da implementação da Escola Experimental de Cinema na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Albino Pimentel na comunidade de Gurugi – Ipiranga/Pb. As desconstruções, as dúvidas e as influências das atividades desenvolvidas com cinema e os desafios como professora da turma do 5º ano do ensino fundamental.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Direitos Humanos, Escola, Escola Experimental de Cinema.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Educação Básica I do município de Conde/PB. (83) 3322.3222

## **Considerações Iniciais**

Observo com naturalidade crianças de todas as idades manipularem tranquilamente celulares e outros equipamentos de multimídia. Do mesmo modo observo a distância que existe entre o uso desses equipamentos e as aulas nas escolas (em especial nas públicas). Este artigo relata a minha experiência como professora da rede municipal na implementação da Escola Experimental de Cinema da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Albino Pimentel.

A Escola Experimental de Cinema-EEC é uma iniciativa do projeto Semente Cinematográfica, parceira do projeto Inventar com a Diferença: Cinema, Educação e Direitos Humanos (Universidade Federal Fluminense – RJ, e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais) e da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Jose Albino Pimentel. Conta ainda com a parceria do Tintin Cineclube, Grupo de Pesquisa Jornalismo, Gênero e Educomunicação da UFPB e do Cearte – Centro Estadual de Arte.

A referida escola está localizada zona rural do município de Conde – PB, numa comunidade quilombola e território de assentamento, marcado por grandes lutas pela conquista da terra. A comunidade de Gurugi - Ipiranga é um oásis na agricultura, na cultura popular (como coco de roda, capoeira, lapinha, maculelê) e no artesanato principalmente o artesanato com o barro.

Essa escola é a única de ensino fundamental I da comunidade. As crianças e adolescentes que a frequentam são, na sua maioria, da própria comunidade. Público que, desde muito cedo, já aprende com as famílias a cultura do seu povo. Ao iniciar minha atividade profissional na escola no ano 2012 fui impacta pela relação que as crianças demonstraram ter com as manifestações da cultura local. Suas experiências revelavam as marcas de seu território. Embora a prática desenvolvida pela escola fosse fortemente marcada pela abordagem tradicional, centrada na transmissão de saberes, as festividades desenvolvidas em datas comemorativas possibilitavam a presença de um fazer artístico (danças, músicas, teatro) revelador de diferentes conhecimentos. Assim, logo percebi que era necessário inserir na minha prática junto aos alunos uma metodologia capaz de congrega saberes. Mas, encontrar o caminho para essa construção não seria uma tarefa fácil, exigiria muitas reflexões, inclusive uma revisão teórico - metodológica acerca do espaço escolar, bem como, a inclusão da tecnologia digital na sala de aula.



Vejo a escola como uma instituição educativa voltada para o aprendizado. Agora com mais clareza, observo que este não é um fato isolado, considerando que está dentro de um território, repleto de espaços de aprendizado que já integra a vida dos estudantes. Um lugar com potencial para se transformar num território educativo, esclarecido por Singer (2016):

[...]é um lugar que atende a quatro requisitos: possui um projeto educativo para o território criado pelas pessoas daquele espaço; agrega escolas que reconhecem seu papel transformador e que entendem a cidade como espaço de aprendizado; multiplica as oportunidades educativas para todas as idades; articula diferentes setores – educação, saúde, cultura, assistência social – em prol do desenvolvimento local e dos indivíduos.

Reflexões dessa natureza fizeram-me repensar minha caminhada pedagógica e passei a perceber a importância de pensar formas diferenciadas de “fazer acontecer” esse aprendizado e como despertar nos estudantes sentido na vida escolar e como todos da comunidade são coparticipantes da vida dessas crianças. Chegar na sala de aula para realizar as mesmas atividades vazias de representação da vida deles foi me distanciando da minha turma. Buscava dentro da minha experiência algo que pudesse ressignificar minhas aulas e me aproximar dela. Isso era e ainda é confuso na minha realidade, pois tenho traços de uma prática educativa tradicional que me perseguem em minha vida escolar e que, sem querer ou sem perceber, passei a reproduzir com a minha turma e, no meu íntimo, eu tenho certeza de que isso me distanciava dos estudantes. Eu sabia que precisava mudar, mas também sabia que precisava de estímulos para isso.

A escola recebeu em 2016 o projeto Escola Experimental de Cinema (EEC), que objetivava desenvolver, junto aos professores e alunos, práticas pedagógicas de cinema e educação, realizando atividades cineclubista, ateliers de criação cinematográfica para os estudantes e formação de professores. As atividades do projeto possibilitaram o contato com uma prática diferente da tradicional. Com o primeiro contato com o projeto, percebi que era a oportunidade que precisava para ressignificar minha prática pedagógica, pois envolvia o território, fugia das aulas monótonas e me possibilitava explorar as áreas do conhecimento previstas para a turma do 5º ano.



A primeira etapa do projeto na escola compreendeu a formação dos educadores que apresentava em sua metodologia uma prática diferenciada das formações normalmente ofertadas para professores. Participar desta formação foi a etapa mais desafiadora. Ao longo de minha experiência na docência, participei de diversas formações, a maioria delas são mais centradas em palestras com foco em fundamentos teóricos distanciados do caráter prático. Quando algumas práticas eram vivenciadas através de oficinas, percebíamos que faltava um olhar reflexivo. As temáticas eram focadas em assuntos de interesse da gestão, que esvaziava minha motivação. Decorrente dessas experiências, passei a ter certa resistência a formações continuadas. Contudo, a possibilidade de participar com meus pares em uma formação em que o elemento teórico caminhava concomitantemente com as atividades práticas despertou uma curiosidade e alimentou o meu desejo de experienciar algo completamente novo.

### **Experimentando Um Novo Caminho**

Seguindo um rígido sistema de ensino e um currículo engessado e alheio à realidade da comunidade escolar, seguia o tradicionalismo seguramente até o cinema entrar na minha sala de aula. Apesar dessa minha filiação ao sistema tradicional, internamente alguns pensamentos me assolavam: como era possível seguir com uma prática com os estudantes no qual só eu falava, repassando para eles conteúdo e mais conteúdo como se eles fossem recipientes vazios? Será que esse modelo tradicional que apenas reproduz conteúdo pré-estabelecidos não podava todas as possibilidades tornar as crianças autônomas e conscientes?

Depois da formação em cinema, educação e direitos humanos oferecida aos professores da escola, chegou o momento de implementar as atividades de cinema com os alunos. O projeto de cinema previa que todas as atividades dos ateliês de criação cinematográfica fossem realizadas conjuntamente com os estudantes, professores e os mediadores do projeto. Em meados de março de 2017, tiveram início os ateliês com a minha turma. Passamos a ter encontros semanais com 2h de duração realizadas no turno.



Formação dos professores \_ novembro de 2016

As atividades foram realizadas na sala da EEC, sala destinada às atividades de cinema dentro da própria escola, um ambiente muito simples, mas completamente acolhedor. Antes esse espaço era utilizado como depósito. Já nesse deslocamento de sala de aula, embora na mesma escola, o sinal diferenciador de cada prática vinha à tona: era possível entrar descalços, sentar no chão, ver uma imensa tela projetada na parede, assistir vídeos e sentar em círculo para conversar, ações que deixavam os estudantes apreensivos diante a novidade. Todos os envolvidos tinham direito à fala. Neste espaço éramos convidados a ver, falar e fazer filmes. No início as crianças estranharam, eram tímidas, mas depois foram se apoderando cada vez mais do espaço.

Com total apoio dos coordenadores do Projeto, passamos a realizar com os estudantes exercícios e dispositivos que relacionavam cinema, educação e direitos humanos. Todas as atividades despertavam o interesse das crianças, em pouco tempo as crianças criavam filmes em suas casas com celulares.

Do meu ponto de vista, a aproximação dessa prática promoveu uma mudança interna e externa em relação ao meu papel como professora, com controle total da situação. Essa prática possibilitou rever esse lugar do mestre que explica tudo e o aluno apenas recebe as informações.

Um novo mundo adentrou na minha sala de aula. Desde então não fomos mais os



mesmos. As oficinas ampliaram as noções de escolha, a linguagem do cinema passou a ser incorporada pelos próprios estudantes naturalmente. Passei a vivenciar um grande movimento, o meu diálogo com estudantes foi favorecido com as oficinas de cinema. O uso de equipamentos que permaneciam guardados, sem utilidade ganhavam vida nas mãos dos estudantes. Passamos a ver nossas próprias imagens, ganhamos importância dentro do nosso grupo. As crianças começaram a fazer os próprios vídeos nas rotinas de casa. Os estudantes pegavam nos equipamentos, perdi o medo de que algo caísse ou quebrasse. Construimos uma relação de confiança, respeito às nossas diferenças e às nossas falas. Inclusive os estudantes mais resistentes no comportamento e intolerantes com os demais passaram a perceber essas mudanças e a participar das aulas, a princípio com estranhamento, e depois com interação. O corredor da escola ganhou dinâmica e passamos a ver grupo de crianças com câmeras, tripé e autonomia.

A Escola Experimental de Cinema também trouxe mais uma atividade inovadora para a sala de aula: o cineclube na escola. Essa ação uniu as salas agregou vivências e despertou inúmeros sentimentos adormecidos. Em uma das seções do Cineclube, toda a escola, inclusive professores e funcionários, parou para brincar. Novamente o aprendizado aconteceu respeitando direitos e oportunizando escolhas. Como resultado, foi instituído a recreação semanal alternada para todas as turmas.



Cineclube – julho de 2017





Vivenciar tudo isso dentro da sala de aula do 5º ano me confundiu muito. Dentro de uma turma com grandes dificuldades de aprendizagem e que não costumava ouvir, o cinema trouxe uma outra dinâmica para as minhas aulas. Inicialmente eles precisavam que cooperar para participar, depois passou a ser natural, já era possível conduzir todo esse processo com mais tranquilidade. A cada momento havia um aprendizado, um diferencial que nos deixava curiosos, entusiasmados e motivados para os próximos passos.

Estava desestabilizada com todo esse processo. E passei a entender que a desestabilidade não era apenas minha, mas de toda a turma. Era o fim do silêncio obrigatório. Agora as vozes eram ouvidas e eles já tinham liberdade de apresentar as próprias opiniões. Eles não precisavam mais ficar sentados e estáticos, como se fossem estátuas. Agrupavam-se (não apenas por afinidade) sem resistência, passaram a escrever mais e questionar e comparar os conteúdos. Esse processo que parecia bagunça era normal, estávamos experimentando uma concepção libertadora. De acordo com Cezar Migliorin, esse estado de “desordem” é para ele a manifestação da pedagogia do mafuá:

[...] O mafuá é ordem e desordem para quem está dentro e pura bagunça para quem está fora. Para quem está fora, bastaria impor sua vontade, exercer a autoridade e organizar a “brincadeira”, a partir de formas de premiação, provas universais ou palavra de ordem. Para quem está dentro, sejam eles professores, saberes, sonoridades, histórias, alunos, o mafuá terá que encontrar ordens que dependem de suas ações e montagens, de narrativas e poéticas. (MIGLIORIN, 2015, p.196)

Outro fato relevante aconteceu quanto ao tratamento das crianças com deficiência. Percebi que pela primeira vez sentiram-se incluídas no processo educativo. As duas crianças com deficiência intelectual (DI) de minha turma, uma DI leve, outra DI moderada, participaram das oficinas e conseguiam dialogar com os demais estudantes de forma espontânea, solta, sem medos, emitindo suas opiniões e manuseando as câmeras com a mesma propriedade dos demais.



Realização do Minuto Lumière – maio de 2017

Em pouco tempo a escola se tornou pequena e nós avançamos para a comunidade. As ruas de barro, tão comuns na vida dos estudantes ganhavam vida e imagem. Era perceptível a dificuldade de desenvolver práticas libertadoras com a turma do 5º ano, pois eles já tem o fazer pedagógico tradicional impregnado na vida escolar. Por muitas vezes precisávamos parar e conversar, para que a proposta não fosse confundida com bagunça.

Diante dessa experiência recente com o cinema na escola, pude rever às minhas práticas anteriores. Chegou o momento em que ficou impossível evitar as mudanças. Não conseguia continuar com a minha pratica anterior. Sempre fui uma professora muito comprometida com os meus alunos, mas agora tenho uma experiência consistente em que pude rever algumas crenças e práticas. A inquietude passou a ser uma constante. Após saber na prática que havia uma outra forma de fazer, o conflito interno foi inevitável. Particularmente na turma do 5º ano, após as oficinas de cinema era impossível realizar qualquer outra atividade que não tivesse relação com o cinema, que foi produzida lá ou que fosse planejada para o próximo encontro. Senti a necessidade na mudança do tratamento com os estudantes, momento de transição que nos tirou da zona de conforto, que converge para o que afirma Paulo Freire:





Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e na prática, procurar a coerência com este saber me leva a inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inaltêntico palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 2002. p.69)

As oficinas e o tempo me possibilitaram conhecer melhor a vida das crianças. Permitir um diálogo direcionado, uma abertura maior me aproximou mais do cotidiano deles. Vidas tão jovens e repletas de histórias. As escolhas dos exercícios e das criações cinematográficas dos estudantes sempre refletiam muito da vida deles. E essa era a intenção. Eu tive a iniciativa e a coragem de realizar alguns dispositivos sem a presença dos coordenadores e também aproveitar tudo isso em produções escritas e em outros exercícios comuns. Momento de várias desconstruções.



#### Ateliê de criação cinematográfica – maio 2017

As atividades da Escola Experimental de Cinema continuam na escola. Neste momento estamos na produção do filme resultante dos ateliês, vamos realizar um filme – carta sobre a vida de um dos alunos e sua relação com a agricultura familiar. Uma atividade desafiadora para todos nós da turma.



Na opinião das crianças tudo ganhou forma. Voltamos para a casa deles com as câmeras nas mãos. Eles filmavam a própria vida e o cotidiano com muito orgulho. Apresentavam nas lentes tudo o que sabiam, exercitavam os dispositivos nos espaços conhecidos por eles. A vida das crianças virava filme. Os gostos, os costumes, a cultura e os espaços eram compartilhados com imensa simplicidade. As famílias participavam de tudo e partilhavam seus saberes com áudios e vídeos.



Ateliê de criação cinematográfica – agosto 2017

A cada retorno das atividades do cinema havia uma imensa dificuldade de voltar a ser como era antes. Como seria possível avaliar as crianças nas disciplinas do currículo depois de tudo que foi vivenciado? Ora, trazendo para a avaliação tudo o que foi vivido. E foi dessa forma que nossas fotos, nossos momentos foram temática na avaliação bimestral. Nunca havia presenciado tantos olhares felizes ao receber uma avaliação. Aquele papel era o nosso espelho, as fotos nossa vida e as questões nossa experiência. Percebi o quanto já éramos íntimos. O quanto eu sabia sobre a vida deles e o quanto eles confiavam em mim. Consegui ressignificar minha forma de avaliar. Quantitativamente houve um resultado espetacular.

## **Os reflexos da Escola Experimental de Cinema**

Para além da nota é muito gratificante ver o estudante avançando para a vida. Não sei ainda quais rumos minha vida profissional tomará, afirmei aqui várias vezes: nada será como antes. A Pedagogia do cinema está florescendo e tem muitos frutos para nos oferecer. Precisamos nos abrir e perder o medo (que eu ainda tenho) e investir no protagonismo do estudante permitindo aprendizados mais concretos.

A mudança será percebida quando deixarmos de ensinar para promoção de ano e passarmos preparar para a vida. Isso não demanda a ausência de conteúdo ou avaliações, mas o sentido que a escola e o processo educativo tem para o estudante. Essa experiência deixa nítido que todas as tecnologias precisam estar dentro do espaço escolar e mais ainda que o estudante possa ter acesso a elas. Quando nos tornamos inimigos do novo, do diferente negamos nossa condição de aprendiz e nos distanciamos do nosso alvo principal.

A Escola Experimental de Cinema em breve receberá um nome. A EMEIF José Albino Pimentel agora tem uma sala para as atividades audiovisuais com alguns equipamentos e poderá prosseguir com o cineclubes. Os professores já receberam os certificados da formação, participaram das oficinas e acompanharam os estudantes durante toda a construção. Cada educador recebeu um livro com todos os dispositivos trabalhados e como realizar cada oficina, um verdadeiro guia prático. Todas as produções das crianças estão vivas nas memórias e salvas como arquivo nos computadores. Respeitar as vivências e os saberes é atribuir sentido ao aprendizado. É imprescindível que as vivências e os saberes sejam respeitados e dialogados com a prática pedagógica.

Contudo esse não é o final da história. Ao contrário é apenas o início. De certo, será preciso coragem e determinação. Escolhemos continuar com as atividades de cinema. De forma particular procurarei explorar os equipamentos e dispositivos diretamente nos conteúdos das minhas aulas. Sabemos que o caminho é longo, mas é fundamental dar o primeiro passo.



## Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

Portal Aprendiz. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/04/06/territorios-educativos-como-aprender-na-cidade/>>. Acesso em 12 de agosto de 2017.